

PARAGUAI

O Constellation desceu em Asunción depois de muitas voltas e cuidados, pois o campo não está grande coisa; a pavimentação cedeu, inutilizando uma parte da pista para aviões desse peso. A Panair achou melhor, por isso, suspender seus vôos para aqui durante algum tempo, embora outras companhias continuassem a funcionar. Mesmo depois dos reparos feitos nos últimos quinze dias o comandante Escobar não está satisfeito, e fará exigências em um relatório pessimista.

O que as mensagens de rádio vindas do Oeste dizem é desanimador: "los pasos están cerrados". A notícia de que talvez tenhamos de pernoitar em Asunción entristece os passageiros para Santiago; alguns têm pressa. Eu também tenho — vou a um Congresso que já começou — mas começo a achar bom rever a cidade simpática onde já passei uma semana e saber como foi esse golpe que aconteceu outro dia. Ao fim de hora e meia chegam notícias de que há algumas passagens abertas na Cordilheira; talvez ao chegarmos lá perto elas estejam fechadas, mas devemos tentar, porque tudo indica um tempo ainda pior para amanhã e depois.

Aparece um amigo no Aeroporto e me diz que a cidade e o país estão calmos. O presidente Frederico Chaves foi deposto nos primeiros dias de maio por um movimento surgido dentro de seu próprio partido, dividido em facções. Mas tecnicamente não foi deposto; renunciou. Haverá, assim, eleições para seu substituto, que terá (se tiver) muitos anos de governo, pois Chaves fora reeleito há pouco tempo. Quem está no Palácio no momento é um senhor Tomás Romero Pereira, que apenas guarda o lugar para o general de divisão Alfredo Stroessner, que será eleito em julho e empossado em agosto. A visita de Perón, cancelada por motivo desse vira-buxo, deverá ser feita ainda este ano, mas não entusiasma ninguém. Mesmo que o general Perón fosse um perfeito anjo, não entusiasmaria: economicamente dependentes da Argentina, que explora suas melhores fontes de riqueza e tem o monopólio de sua navegação, os paraguaios, como todos os povos dominados e que têm consciência disso, não morrem de amores pelo dominador. Embora por motivos históricos eles desprezem tanto os argentinos como os uruguaios e os brasileiros — e ainda os bolivianos — (e não podemos deixar de aceitar esse ressentimento) a verdade é que seus melhores elementos olham para o Brasil como uma esperança. Algum dia — pensam — poderemos contrastar a influência econômica (e, logo, política) da Argentina, e o Paraguai terá mais "chance" e será mais livre entre esses dois, digamos assim, subimperialismos. Mesmo sem maior influência econômica, o Brasil é para eles um fator de segurança, pela sua presença política. É significativo que nosso Vargas tenha tido aqui uma recepção muito mais calorosa que Perón, embora este preparasse muito melhor os festins; e nenhum embaixador estrangeiro deixou um nome tão querido como Francisco Negrão de Lima, que chegou a aprender algumas frases em guarani.

Entenda-se que as alterações políticas ocorrem todas dentro do único partido autorizado a funcionar, que é o Colorado. A verdadeira oposição está reduzida ao silêncio e à impotência, e há algumas dezenas de paraguaios cronicamente exilados nos países vizinhos, principalmente no norte da Argentina. A democracia aqui é, como tantas vezes na América do Sul, uma democracia "à moda da casa".

7816-154 R. B.

86